

POSICIONAMENTO TEOLÓGICO da MEUC

Prefácio:

A Assembléia Geral Ordinária da Missão Evangélica União Cristã (MEUC) convocou, no ano de 1987, uma comissão para a formulação do Posicionamento Teológico da MEUC, sob a coordenação do missionário Werner Kohlscheen. Nos dias 21-22/04 de 1990, a Assembléia Geral Ordinária aceitou esse Posicionamento por unanimidade.

O Posicionamento Teológico resume a base da nossa fé em Jesus Cristo. Nessa função, ele não diz nada de diferente da confissão básica de 1Co 12.3: “Jesus é o Senhor!”, e quer seguir as formulações de confissão durante a História da Igreja. Já que tal Posicionamento também marca a posição da Igreja de Jesus Cristo no presente, temos que falar sobre assuntos que, em épocas passadas, não foram ponto de discórdia. Um desses é a postura para com as Escrituras Sagradas como base e fonte de pregação, fé e vida cristã. Por isso, essa parte encabeça o nosso Posicionamento que, a seguir, está orientado no Credo Apostólico.

É nosso desejo que este Posicionamento não somente marque o lugar da comunidade cristã em um universo de crenças e ideologias, mas que também nos dê a clareza e a convicção para o testemunho missionário de Jesus Cristo, do qual o nosso mundo tanto precisa.

1. DA SAGRADA ESCRITURA

Encontramos a vontade e a promessa de Deus em lugar algum além da Sagrada Escritura. Na sua revelação, ele nos manifesta o seu santo ser e, através disso, também a nossa perdição irremediável. Porém, ouvimos na sua revelação o milagre do amor de Deus e como ele se manifesta de uma forma sem igual na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Deus fala na sua Palavra através de pessoas humanas, em tempos específicos, dentro de situações concretas. Dessa forma, a Palavra de Deus vem a nós como palavra humana. Por causa disso, aceitamos e usamos os métodos da interpretação histórico-bíblica da Sagrada Escritura (procurando obter a melhor informação histórica para entender a Bíblia no seu contexto histórico).

Ao mesmo tempo, rejeitamos a tentativa impossível e enganadora de diferenciar na Bíblia entre casca (humana) e núcleo (divino). Com essa tentativa, o homem se torna juiz da Escritura, não compreendendo que a forma existente na Bíblia não é carente e deficiente, mas é expressão da vontade de Deus e da historicidade da sua revelação. Nesse sentido, a Bíblia não somente contém a Palavra de Deus, mas é a Palavra de Deus, porque a vontade e a salvação de Deus são expressas exclusivamente na Sagrada Escritura. Ela é inspirada por Deus e tem que permanecer como único e exclusivo juiz de toda doutrina cristã, bem como da vida cristã.

Onde nós substituímos a autoridade bíblica pela nossa opinião própria, ali nós permanecemos presos no engano das nossas doutrinas preferidas. Essa substituição também pode acontecer quando nós – aparentemente fiéis à mensagem da Bíblia – deixamos de tomar em conta a base histórica da Palavra de Deus, tentando achar argumentos rápidos para a nossa vida particular ou para ideologias próprias. Somente enquanto nós nos submetemos à autoridade jurídica da Sagrada Escritura é que permaneceremos sob a promessa de que essa Palavra bíblica rompe a nossa cegueira e nos guia para a luz da verdade divina em Jesus Cristo.

2. DE DEUS – PAI, FILHO E ESPÍRITO SANTO

Segundo as Escrituras, Deus se revela em três pessoas, a que chamamos de Trindade. Elas se relacionam uma para com a outra e são um todo do Deus monoteísta. As Escrituras nos apresentam a unidade das três pessoas na Trindade. A criação é obra do Pai e do Filho, mas também do Espírito, inclusive a redenção e a santificação.

Todas as três pessoas devem ser valorizadas adequadamente na doutrina e na prática cristã. As Escrituras também apresentam as diferenças na Trindade. A obra salvífica de Cristo é também obra do Pai e do Espírito. Aqui se trata da unidade na diversidade na Trindade. Os três fazem uma só obra, mas cada pessoa tem seu agir específico.

Jesus, como verdadeiro homem, sujeito às limitações humanas, continuou sendo verdadeiramente Deus, o Deus que se fez carne. Ele é completamente Deus – agente da criação, Salvador e mediador da consolação. O NT

atribui a Jesus as qualidades e méritos de Deus descritos no AT. “O dia do Senhor” como dia de Juízo passa a se referir à pessoa de Jesus. O NT adota o título “Kyrios”, Senhor, para Jesus, enquanto o AT emprega o nome “Javé”.

Em Jesus está toda a plenitude de Deus. Jesus atribui prerrogativas a si que caberiam só a Deus: perdoar pecados, ter poder sobre a lei, as doenças, a morte, o diabo.

Rejeitamos as doutrinas que entendem ser Jesus uma criatura maior de Deus, como se Jesus fosse algum arcanjo ou homem com qualidades divinas ou somente um modelo humanista.

3. DA CRIAÇÃO

Conforme o testemunho bíblico, o mundo foi criado por Deus e é uma confissão de fé que não pode ser derivada da contemplação do universo ou de uma cosmovisão.

a) Cremos e confessamos que Deus é o criador do mundo.

Isso significa que Deus é – em sua essência – o CRIADOR! Por essa razão, a criação do mundo por Deus é parte integral da fé e da doutrina cristã. Consequentemente, rejeitamos a teoria da evolução e suas implicações existenciais.

b) Cremos que o mundo é criação de Deus.

Isso significa que Deus é criador através da Palavra, pois ela é Palavra criadora, que se distingue das palavras humanas. Deus é criador no fato de chamar à existência o que não existe (= *creatio ex nihilo*). Deus também é criador no fato de justificar o pecador através de sua Palavra criadora. O pecador só pode reconhecer o Deus criador a partir da sua ação criadora na justificação dos ímpios. A criação do mundo é apenas a primeira de uma “série” de obras de Deus (cf. a salvação e as promessas da consumação do mundo).

c) Cremos que céu(s) e terra (inclusive o homem) são criação de Deus.

Isso significa que tudo – tanto o visível quanto o invisível – é obra de Deus. Esse fato deve determinar nosso relacionamento para com o que existe, i.é, não devemos idolatrar e adorar, diabolizar e amaldiçoar ou desprezar qualquer uma de suas criaturas (incluindo os reinos animal, vegetal ou mineral). Pelo contrário; dentro da criação, devemos ver e entender a bondade de Deus. Deus quer que, como suas criaturas, vivamos na sua presença e assumamos a responsabilidade para com o meio ambiente.

d) A fé no Deus criador, salvador e consumidor do mundo.

A fé cristã jamais pode abdicar da confissão do Deus criador do universo. Crer no Deus criador só é possível a partir da fé no Deus salvador, que justifica o pecador. O Deus salvador, porém, só é Deus real e verdadeiro se ele é também, antes de mais nada, o Deus criador. Somente o Deus criador do universo pode ser o consumidor dos séculos. Assim, a fé no Deus criador tem implicações soteriológicas e escatológicas.

4. DA QUEDA E DO PECADO

Creemos que o ser humano é criatura de Deus e que essa criatura não pode fugir do seu governo e julgamento. Esse ser humano, ainda que imagem de Deus, está totalmente aprisionado ao poder do pecado, em seu corpo, alma, razão, vontade, agir, decidir, enfim, em todo o seu ser e existir.

Rejeitamos, assim, o conceito de livre arbítrio, que atribui ao homem a capacidade de se decidir por Deus e contra o mal. Todas as decisões para o bem se tornam pecado quando o homem não vive sob o senhorio de Cristo, quando são feitas para alcançar salvação sem a cruz de Cristo. Inclusive a piedade como autoesforço para chegar a Deus deve ser rejeitada, pois é uma tentativa do homem em querer produzir sua própria salvação ou santificação.

O ser humano não é pecador porque faz atos pecaminosos, mas faz seus pecados em sua natureza. Rejeitamos, assim, a concepção superficial de pecado que entende ser este apenas uma falha moral. Em decorrência do pecado humano, a criação está caída e sofre as suas consequências.

O homem está em contradição e rebeldia a Deus; torna-se, também, ameaça ao próximo e destrói a natureza, que foi criada por Deus em benefício do próprio homem.

5. DA PESSOA E OBRA DE JESUS CRISTO

Deus fez a sua salvação para todo ser humano, pois este se encontra sob a ira de Deus. A proposta de salvação de Deus é universal. Deus oferece o seu amor, que foi demonstrado na cruz em Jesus Cristo, a todos os homens. Não existe qualquer outra forma, meio, pessoa, filosofia, ideologia pela qual o ser humano possa ser salvo. No crer ou não crer em Cristo decide-se vida eterna ou morte eterna (João 3.36). No entanto, o ser humano não pode crer em Cristo quando quer. A palavra anunciada é geradora de fé mediante o agir do Espírito Santo. Fé inclui a aceitação consciente e pessoal da oferta da graça de Deus em Jesus Cristo. Assim, a fé não se baseia em suposições, especulações, experiências e emoções, mas está ancorada na revelação de Deus acontecida no tempo e no espaço e testemunhada nas Escrituras.

A conversão se evidencia em mudanças de vida, ou seja, no rompimento com o poder do pecado para servir ao Deus vivo. A conversão não é mérito, mas ação graciosa de Deus.

Creemos que a justificação do pecador por Deus é o centro da mensagem bíblica e que, pela aceitação pessoal da justificação, através da fé, o ser humano é feito justo perante Deus. A justificação implica perdão e anistia da ira de Deus. Deus não vê mais o condenado, mas vê Cristo, que absolve da condenação, no lugar do condenado. O cristão é simultaneamente justo e pecador. Sendo assim, ainda existe a possibilidade de cair da fé. O fato de o cristão ser surpreendido pelo pecado não significa que já apostatou da fé. Apostasia é a decisão consciente e permanente pelo pecado contra o senhorio de Cristo. Como o justificado pela fé foi feito santo por Deus, assim também a santificação é, em primeiro lugar, ação de Deus.

Rejeitamos que a santificação seja um grau superior em uma escala de vida espiritual. O justificado, que foi feito santo, vive a serviço de Deus em obediência a ele.

6. DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo procede do Pai e do Filho como de uma fonte única. Confessamos com os nossos pais o Espírito Santo como “Senhor e Vivificador, que procede do Pai, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou através dos profetas”. O senhorio do Espírito Santo nos proíbe de entendê-lo primeiramente como poder. Ele é pessoa. O Espírito Santo é a terceira pessoa da trindade em comunhão com o Pai e com o Filho. Por isso, os cristãos não são capazes de manipular manifestações do Espírito Santo, p.ex.: por ocasião de curas, bênçãos, imposição de mãos, jejum, oração. Pelo contrário; também como renascidos pelo Espírito Santo, permanecemos homens diante dos quais o Deus triúno age em soberania irrestrita. Isso exclui também a exigência de um “batismo no espírito”, de uma “segunda bênção” etc. como pré-requisitos constitutivos para uma vida cristã “completa”.

Oramos por esse agir e esperamos com a confiança de um filho para com o Pai, na certeza de que procede da riqueza das promessas divinas. Deus concede os dons do Espírito à sua comunidade se ele quer, como ele quer e quando ele quer. Nunca, porém, devemos procurar caminhos que queiram forçar esse agir divino de forma mágica.

O reconhecimento da distância permanente entre Deus, o criador, e nós como suas criaturas mostra a nossa dependência abrangente do Espírito Santo. Rejeitamos o conceito errado de que nós possamos, por poder próprio, tomar posse da salvação em Jesus Cristo, permanecer na fé e viver como cristãos. Sem o agir do Espírito Santo não há fé, confissão, conhecimento, testemunho, certeza, comunhão, esperança. Como agir do “paracletos” (João 14: Consolador, Advogado), ele é inteiramente relacionado a Jesus Cristo, sua salvação e sua glória. Por causa disso, nós encontramos o Espírito Santo exclusivamente na Palavra de Deus, Jesus Cristo, mas não nas manifestações espirituais na natureza, na história ou no homem.

A propriedade do Pai é ser eterno, a do filho é ser gerado pelo Pai e a do Espírito Santo é a sua procedência do Pai e do Filho. O Espírito Santo não é confessado como se confessa a Cristo, mas ele é aquele que conduz à confissão de Jesus Cristo como salvador. A ele não se ora e não se invoca. Através do Espírito Santo, o Filho é invocado, e é a ele (Jesus) que o crente ora.

Segundo o testemunho do Antigo Testamento, o Espírito Santo dirige a história. Nesse sentido, o Espírito age quando e onde quer por meio da sua Palavra externa, ou seja, a fé justificadora não é obra humana, mas de

Deus, somente. Segundo o testemunho bíblico, o verbo Jesus, que se fez carne, foi crucificado e ressurreto. O Espírito Santo revela ao ser humano, através do testemunho bíblico, que Deus Filho é o que encarnou, foi crucificado e ressuscitou.

O Espírito Santo concede dons e carismas e atua por intermédio deles, visando à edificação da comunidade de Cristo.

7. DA IGREJA

Creemos que a partir do NT a Igreja representa a reunião de todas aquelas pessoas que ouviram o chamado à fé e ao arrependimento através da Palavra de Deus e o atenderam, e que agora vivem em obediência ao Senhor. Portanto, é criação de Deus, que surge através do seu chamado e que vive através do seu Espírito.

O fundamento sobre o qual a Igreja está edificada é a pessoa e obra expiatória de Jesus Cristo. Ela existirá somente enquanto permanecer sobre este fundamento.

Pertencem à Igreja de Cristo somente os que se deixaram chamar e salvar por Jesus Cristo, renascidos através dele e que, pela fé, foram feitos membros do seu corpo, ramos na videira e pedras vivas na casa de Deus. Nesse sentido, a Igreja é somente conhecida por Deus (Igreja invisível). Ela é visível onde Jesus Cristo está presente através da Palavra e dos sacramentos, independentemente do lugar e do número de pessoas reunidas em seu Nome. A Igreja como instituição vive em uma diversidade de formas e de tradições. Por essa razão, ela precisa exercer a disciplina através de ordens e regimentos.

Vivemos na época do chamamento da Igreja que corresponde ao tempo da ascensão do Senhor até a sua segunda vinda, o que faz dela uma grandeza escatológica.

Creemos que, a partir da afirmação de Jesus: “vós sois sal da terra e luz do mundo”, a Igreja tem a missão de servir.

Consagração e sacrifício fazem parte (são inerentes) do ser da Igreja. Sem a função de servir, a Igreja seria supérflua e sem valor no mundo. Através da diaconia, ela deve testemunhar a fé que se expressa no amor prático e a fé que se torna concreta através da obra em favor do próximo.

A Igreja existe para que, através do seu testemunho, todos os povos sejam chamados ao seguimento de Jesus. A ela é confiado o evangelismo mundial mediante a proclamação do Evangelho da salvação em nosso Senhor Jesus Cristo.

A função da Igreja se torna concreta no sacerdócio real (do rei) de todos os crentes (1Pe 2.9). Onde esse sacerdócio for negligenciado e ignorado, a Igreja perde a sua característica de “corpo de Cristo”, onde cada crente é um membro com o seu dom e sua função específica.

No sacerdócio geral dos crentes, os dons da graça são despertados ou descobertos e podem aperfeiçoar-se. É na prática desse sacerdócio geral que a Igreja de Cristo será viva e atuante neste mundo.

8. DOS SACRAMENTOS

Sacramentos são sinais visíveis, ações através das quais Deus efetua salvação naquele que crê e juízo naquele que não crê. Nesse sentido propriamente dito, Jesus Cristo, mesmo, é o sacramento fundamental. Ele está presente, fala, age, salva e julga através da sua Palavra. Durante a sua vida, Jesus Cristo instituiu certos atos e ordenou que a sua Igreja os exercesse: o Batismo e a Santa Ceia. Complementando a Palavra (verbo) invisível, os sacramentos formam o Verbo Visível. Essas duas formas da Palavra estão lado a lado; nenhuma delas é de maior ou menor importância. A eficiência do sacramento não depende do oficiante, mas também não opera automaticamente. A Palavra, invisível e visível, traz salvação para aqueles que creem nesse Senhor que se faz presente nos sacramentos e condenação para aqueles que não creem.

Compreendemos os sacramentos – Batismo e Santa Ceia – a partir da pessoa e obra de Jesus Cristo. No homem-Deus – Jesus Cristo – está toda a revelação de Deus Pai para a humanidade. Ele trouxe a Palavra de Deus Pai para todos os seres humanos. Portanto, o significado para as práticas da comunidade cristã, bem como a motivação e o critério para ela, deve partir da Palavra de Deus, que julga todos os projetos humanos e nos absolve incondicionalmente.

O Batismo e a Santa Ceia são a Palavra de Deus que vem a nós através dos elementos visíveis: água, pão e vinho. Como promessa, são um sinal externo daquilo que Deus quer operar interiormente pela fé (Rm 6.1-14). Mesmo como elementos visíveis da Palavra de Deus, não possuem poder de salvação em si mesmos. O seu valor consiste no anúncio do juízo e na promessa de salvação dada pelo próprio Deus (Lc. 3.1-14). Desse modo, sacramentos sem fé são ritos para condenação (1Co 11.27 e Mc 16.16).

A partir disso, temos critérios fundamentais do Batismo cristão e da Santa Ceia:

a) DO BATISMO

Nós cremos que o batismo foi instituído pelo Senhor. No batismo, Deus se dirige pessoalmente ao homem e é anunciado o Evangelho: Deus busca, ama e salva o pecador. Ele nos aceita, e a sua aliança no Batismo é graça imerecida.

O Batismo é Palavra visível que vem a cada um de nós em forma de sinal.

Pela fé, o Senhor Jesus Cristo nos incorpora em sua morte, e assim como ele ressuscitou dos mortos, também nós devemos andar em uma vida nova na obediência da fé. Caso contrário, sem a conversão, o Batismo torna-se Juízo.

No Batismo somos incorporados à comunidade, com todas as consequências que daí resultam para a comunidade e para o batizado.

O Batismo é ação de graça de Deus para com o homem. Deus é ativo, e não o homem. Nós não nos batizamos. O Batismo não é uma recompensa de Deus por nossas boas obras nem a resposta de Deus à nossa confissão de fé.

Nós cremos que o Batismo de crianças evidencia que o gracioso chamado de Deus para dentro de sua comunhão precede a fé, e que esse chamado é a base que a sustenta. Nesse ponto, o Evangelho se sobressai em todo o seu esplendor, pois toma expressão correta na relação entre graça e fé.

O que importa é a entrega da minha vida a Cristo como resposta à aliança de Deus.

Concluindo, Batismo Cristão é caracterizado pelo seguinte:

1. Não há autobatismo! O Batismo sempre deve ser feito por outra pessoa.
2. É um ato único que não se repete, ao contrário dos lavatórios e aspersões.
3. Não há possibilidade para o rebatismo.
4. Um rebatismo somente é possível quando o primeiro aconteceu no interior de outra religião, envolvendo outra divindade (At 19.1-7).
5. O Batismo é palavra anunciada como juízo e graça. A Palavra é que qualifica o ato e os elementos do Batismo, pois ela julga, absolve e confere de forma palpável perdão e graça.
6. No Batismo é proferido o nome do Deus Triúno: Deus Pai, Filho e Espírito Santo.
7. O Batismo acontece em uma comunidade cristã que confesse publicamente o Deus Triúno e a salvação somente em Jesus Cristo.
8. A água é utilizada como elemento visível no ato do Batismo.

b) DA SANTA CEIA

A Santa Ceia toma forma de corpo do que Deus fez por nós. O pão é o seu corpo, dado por nós, e o vinho é o sangue derramado por nós, quando Jesus sofreu toda a ira de Deus em nosso lugar até a morte na cruz.

Não é mérito nosso, nem boa obra, participar da Santa Ceia, mas é dádiva da graça do Senhor. Na Santa Ceia, somos os convidados de Deus.

O pão e o vinho são o meio pelo qual somos feitos participantes do corpo e sangue de Cristo, o que não é algo que esteja no homem. A comunhão não é estabelecida através dos nossos sentimentos piedosos, mas Cristo é que a estabelece através de suas dádivas, em que ele próprio vem ao nosso meio e em nossos corações. Ele vem como o crucificado e o ressuscitado, como aquele que realizou a grande obra de reconciliação.

O que nos é oferecido na Santa Ceia é a participação pela fé em seu corpo por nós sacrificado. Isso fortalece a certeza do perdão dos pecados, que está acima de toda dúvida, lutas e tentações.

Antes da participação na Santa Ceia deve haver o exame pessoal (1Co 11.27-29) quanto ao relacionamento com Cristo e o próximo.

Quem, no entanto, vê a Santa Ceia como um tranquilizante de consciência, este, em sua leviandade, fica não só sem bênção, mas ainda atrai sobre si o juízo de Deus.

Concluindo, Santa Ceia é caracterizada pelo seguinte:

1. A Santa Ceia é palavra visível do Deus Triúno. Ela julga, absolve e confere de forma palpável perdão e graça (1Co 11.23-29).
2. A Santa Ceia é ministrada em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.
3. A Santa Ceia tem seu lugar em uma comunidade, que confessa publicamente Jesus Cristo como único Senhor e Salvador.
4. A Santa Ceia chama à fé, que une a comunidade em torno do mesmo Senhor.
5. A Santa Ceia constitui-se de elementos visíveis: o pão e o vinho.

A partir disso, cremos e confessamos que nova ética não gera vida eterna. No entanto, o Evangelho gera nova prática de vida.

9. DAS ÚLTIMAS COISAS

Nossa esperança está centralizada em Jesus Cristo, que venceu o pecado, a morte e Satanás.

Cremos que a existência humana não termina com a morte. Pela morte, o ser humano passa para eternidade. O justificado por Deus tem a vida eterna, “está com Cristo” na glória, “está presente com o Senhor” no céu. A morte não pode separá-lo de Deus. O incrédulo passa para a separação eterna de Deus; está perdido, e sobre ele permanece a ira de Deus.

Cremos que Jesus Cristo voltará à terra, de forma pessoal e visível, para julgar os vivos e os mortos. Os mortos em Cristo serão ressuscitados e, juntamente com os vivos, justificados pela fé, arrebatados e reunidos para o Senhor, para estar com ele eternamente.

Antes da consumação por ocasião da volta de Cristo, os salvos, que, pela graça, vivem sob o senhorio de Cristo, já desfrutam das bênçãos do Reino de Deus. Na era presente da graça, são agentes desse Reino, mensageiros da esperança cristã, através dos quais Deus proclama e opera sinais do seu amor e poder.

Rejeitamos a ideia de que o homem consiga pelo seu esforço, por meio de ideologias ou teologias ou por meio de ensinamentos e métodos antropocêntricos construir um mundo sempre melhor. O pecador nunca conseguirá com seus próprios recursos introduzir neste mundo paz e prosperidade duradoura. Cremos que Jesus Cristo estabelecerá neste mundo agitado e sofrido uma era de paz, justiça e prosperidade.

Cremos que Deus, no fim dos tempos, criará Novo Céu e Nova Terra. “Ele habitará com os homens. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21.3).